

TUDO A PRESTAÇÃO
Classes C, D e E
fazem a festa

Consumidores brasileiros com renda mais baixa gastaram R\$ 1,2 trilhão no ano passado, um terço do PIB estimado para 2010. **PÁGINA 18**

Classes C, D e E despejaram R\$ 1,2 trilhão na economia no ano passado. Maior parte desse dinheiro foi gasta na aquisição de objetos de desejo, como TVs de última geração e notebooks

A FORÇA DO CONSUMO POPULAR

ZULMIRA FURBINO

A festa das classes populares, que emergiram como a principal força de consumo do país, foi completa em 2010. Ao longo do ano, os consumidores das classes C, D e E, juntos, despejaram na economia brasileira nada menos do que R\$ 1,2 trilhão, um terço do valor estimado do Produto Interno Bruto (PIB) nacional para o ano. Essa enxurrada de dinheiro movimentou a economia por meio da aquisição de televisores de última geração (LCD, plasma e LED), gela-

deiras, fogões, móveis, computadores de mesa ou notebooks, roupas e material para a construção civil, entre outros itens de consumo. E, embora, a sede de comprar tenha como base a oferta de crédito, especialistas avaliam que ainda não há sinais de endividamento excessivo nessa camada da população.

Há um ano, a empregada doméstica Adriana Leonardo, casada e com um filho, vem conseguindo guardar uma quantia mensal regularmente na poupança. Só em dezembro ela conseguiu depositar R\$ 500, dinhei-

ro que pretendia gastar dando entrada numa TV nova. "Ganhei uma televisão e guardei no banco o dinheiro que iria gastar", comemora. O esforço para poupar não vem impedindo que ela reforme a sua casa. No mês passado, por exemplo, Adriana comprou o material para fazer a laje. "Minha casa está bem adiantada. Estamos conseguindo reformar e poupar", festeja.

De acordo com o sócio-diretor do instituto Data Popular, Renato Meirelles, é evidente que houve uma expansão acentuada nas linhas de

financiamento para a nova classe média brasileira e que nos últimos anos elas têm sido usadas com maior frequência. "Mesmo assim, não há nenhuma pesquisa que indique uma tendência de perda do controle no uso do crédito pelas classes C e D", garante. Estudos elaborados pelo Data Popular mostram que 69% dos cartões de crédito em uso no Brasil estão nas mãos dos emergentes, o que significa dizer que eles movimentam 52% do dinheiro de plástico no país. No geral, diz

usam o crédito para equipar a casa comprando TVs, máquinas de lavar roupas e geladeira duplex (que substituem as simples de uma porta), microcomputadores, notebooks, netbooks e carros.

NOVO CENÁRIO "Há 10 anos os brasileiros não deviam porque não se emprestava dinheiro para gente pobre. Hoje, o nível de endividamento no país ainda é muito baixo, ainda tem muita roda para ser rodada até que isso se torne um problema", acredita André Torretta, sócio-diretor da Ponte Estratégia. De acordo com ele, é claro que ainda falta educação financeira no Brasil. "Mas isso não quer dizer que nos Estados Unidos os consumidores sejam financeiramente mais educados e se endividem menos", observa. Mesmo assim, nas classes C e D há quem troque os pés pelas mãos, como ocorre também nas classes A e B.

Losângela Rafaela Justino, auxiliar de supervisão de atendimento, tem um salário líquido de R\$ 760 e reclama: "Estou endividada demais". Com o dinheiro do contracheque, ela paga R\$ 478 de mensalidade da faculdade de administração hospitalar. Isso sem contar os gastos com xerox e alimentação. "Além disso, sou uma pessoa consumista", reconhece. Ela gosta de comprar, de andar bem vestida e de ir ao salão todo fim de semana para fazer cabelo e unha. Juntando tudo, acaba gastando R\$ 1,2 mil ao mês, R\$ 440 a mais do que ganha. Para administrar a vida, diz que vai empurrando com a barriga, vende os tiquetes-alimentação e mora na casa dos pais, onde tem uma TV de plasma e TV a cabo no quarto. "Ainda estou pagando a TV, que custou R\$ 750. Comprei em 10 vezes", conta.

Crédito em alta e alerta para dívidas

O que autoriza a nova classe média brasileira a partir para a conquista do mercado de consumo são os dados da economia brasileira. De acordo com Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais, filiado ao Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), existe mais sustentabilidade no movimento de ascensão social e menos problemas na concessão de crédito do que se pensava há pouco tempo. "O Brasil criou 2,4 milhões de empregos formais e isso dá segurança em relação ao consumo da nova classe média. Não há sinais de endividamento excessivo, mas é óbvio que essa situação pode não ser infinita", observa.

Neri lembra que em 2004 a taxa de crédito no Brasil era de 24% do Produto Interno Bruto (PIB) e que em 2010 deve ter chegado a 49%. "O crescimento está bem acima do PIB." Junte-se ao crescimento do crédito os da-

dos que mostram a expansão da educação e do emprego com carteira assinada, mais as aposentadorias corrigidas pelo salário mínimo, e está dada a receita para o crescimento do bolo.

Segundo pesquisa do Data Popular, a população das classes C, D e E pretendia reservar 41% do 13º salário para o pagamento de dívidas contraídas até o fim do ano passado. "Com essa medida, a pessoa pode liberar o limite do cartão de crédito que possui para a realização de novas compras parceladas", explica Renato Meirelles, sócio-diretor do instituto. O executivo lembra que uma das pessoas entrevistadas por sua equipe para o levantamento era um senhor que levava alguns cartões de crédito na carteira. "Ele não desbloqueava todos porque guardava um dos plásticos para emergências na família, como a necessidade de compra de remédios ou alimentos em uma eventual situação de aper-

to. Ou seja, esse senhor fazia o que consideramos uma poupança de crédito."

De 2002 para 2010, os gastos dessas classes sociais com produtos como cama, sofá, armários, luminárias, tapetes e utensílios subiram de R\$ 3,1 bilhões para R\$ 17,9 bilhões, ultrapassando o consumo das classes A e B, que subiu num ritmo menor, passando de R\$ 5,9 bilhões para R\$ 15,8 bilhões. No ano passado, a estimativa era de que a classe C deveria gastar mais de R\$ 25 bilhões com a renovação da casa e com eletrônicos. "Na realidade, o bom gosto da classe C está atrelado à qualidade. Como o orçamento é restrito, eles não se permitem errar. Além disso, ela encontrou uma forma de tornar a vida confortável. O computador, por exemplo, é essencial para a educação. A geladeira e a TV atendem às necessidades da família. Por isso, essas pessoas investem", afirma Meirelles. (ZF)



“

Estamos conseguindo reformar (a casa) e poupar

”

■ **Adriana Leonardo**, empregada doméstica

EULER JÚNIOR/EM/D.A PRESS - 8/12/10



Losângela Justino diz ser uma “pessoa consumista”. Sua renda é de R\$ 760 e sua despesa chega a R\$ 1,2 mil



Consumidores das classes que antes não tinham acesso ao crédito foram às compras e fizeram a alegria de diversos segmentos do comércio. Hoje, 69% dos cartões de crédito do país já estão nas mãos deles